

COLUNA FALA Por César Gomes

PERCALÇOS DA INTOLERÂNCIA

Vamos começar conceituando Intolerância: é a prática de não se dispor a ouvir ou aceitar opiniões, escolhas ou atitudes de vida diferentes das próprias.

Historicamente temos registrado intolerância extrema em governos ditadores como o nazismo da Alemanha, o fascismo na Itália e do stalinismo na União Soviética, causando em suas respectivas populações restrições de liberdades individuais e variados tipos de violências.

Imagine que somos em torno de 8 bilhões de pessoas vivendo e convivendo com várias opiniões, crenças, valores em contextos sociais, econômicos e culturais divergentes entre si.

Nesse aglomerado é que surgem os relatos de desrespeito e intolerância em razão da não aceitação do que o outro tem diferente de si, que vão se manifestar em intolerância política, intolerância a orientação sexual, intolerância e racismo a religião, intolerância a nacionalidade, intolerância a raça, entre outras expressões discriminatórias. Algumas delas resultam em violências brutais como o holocausto produzido por Hitler onde cerca de 6 milhões de judeus foram mortos ou a dizimação das populações indígenas dos pampas argentinos visando a “civilizar” a Argentina. Note o tom de higienização social.

Há em curso uma Cultura da Violência = Sistema no qual a violência, apesar de ser considerada um problema social, se sustenta pela sua normalização e aceitação na sociedade que a produz.

Como se produz a Cultura da Violência? Perceba em nossos diálogos cotidiano quais os estereótipos que criamos ou que acreditamos ou que reproduzimos ou que compartilhamos?

Se falarmos de bairros de periculosidade em Campinas, por exemplo, quais vem a nossa cabeça? Parque Oziel, Itajai, Sirius, Campo Grande.

De onde vem essa informação? Da mídia escrita e falada, de estatísticas da Segurança Pública, opinião popular ou nosso olhar sobre o comportamento das pessoas que moram nestas áreas? Todas estas situações são formadas em cima da amostragem de uma pesquisa no caso de dados da Segurança Pública, ou de casos isolados no caso da percepção social, todavia, basta dizer que são moradores destas áreas para que imediatamente o conceito estereotipado nos venha a mente.

Eu falei de bairros em Campinas, vamos ampliar isso para o Estado, quais as cidades mais “perigosas” (com muitas aspas) para se morar, São Paulo, Diadema, Osasco?

Qual a melhor América (ai temos a informação do que é desenvolvimento e subdesenvolvimento para basilar o nosso estereotipo, colocando o Estados Unidos como sonho de consumo quase unânime, sobrando para nós os tupiniquins; (tem um sentido de intolerância no termo tupiniquins), selvagens subdesenvolvidos.

E se pensarmos o Globo Terrestre o que falar da Europa como sonho de consumo?

Lamentavelmente a igreja tem uma forte influência no princípio, tanto quanto na manutenção desta violência, haja visto que grandes impérios romano, a própria potência econômica do Vaticano foi acumulada em cima de grandes barbáries cometidas nas tantas Cruzadas, Guerras em nome de Deus, em 1000 anos da Idade média, também conhecida como idade das Trevas, em que a Igreja dominava o mundo, quantas caças as bruxas, quantas espoliações cometidas em nome de Deus por falsos profetas. Na atualidade há igrejas “cristãs” peritas em prática e espalhar a cultura da intolerância contra pessoas LGBT e racismo religioso contra as religiões de matrizes africanas.

Estereótipo de Gênero: Quais os estereótipos que alimentamos sobre o que é ser mulher e o que é ser homem? Em cima disso, quantas violências são praticadas em cima dos corpos que ousam vivenciar algo que não é pré-estabelecido socialmente para o seu gênero?

Estou falando da mulher que chega a uma posto de chefia, da mulher que chega a presidência da república, da mulher que gosta de futebol, de ser caminhoneira, do homem que se identifica como travesti ou transexual, do homem que gosta de fazer os serviços domésticos, do homem que não gosta de futebol. Quanto incomodo causa uma pessoa que vivencia publicamente uma expressão de gênero diferente da determinada socialmente pela sociedade que vê o mundo apenas pelo binarismo e, portanto, com papeis sociais já estabelecidos: mulher rosa = boneca - fogão, homem azul = bola, carro.

Esses grupos aqui citados, para além da intolerância, por vezes também sofre a violência física e psica.

Não temos pernas / não temos braços para fazer tal coisa = Olha aí a força das palavras criando um estereotipo em cima das pessoas com deficiência físicas como se não tivessem utilidade alguma socialmente.

Na mesma linha doido/louco como xingamento desqualifica pessoas com qualquer transtorno ou doença mental.

Cor do pecado faz referência a quando a igreja admitia que ser preto era castigo divino, hoje, é visto como a “cor morena jambo” que mexe com a libido das pessoas, principalmente dos machões. Aí recai sobre estes corpos pretos uma violência física porquê na lei eurocentroheteronormativa eugenista, apenas os corpos brancos devem serem desejados, e como não se fecha esse vácuo na branquitude o melhor é aniquilar os corpos pretos.

Primeiro usa, abusa, se lambuza para depois descartar esse corpo “cor do pecado”, afinal, se não consegue controlar sua própria libido é melhor aniquilar o objeto de sua libido.

Cultura do Estrupo = Sistema no qual a sociedade culpabiliza vítimas de estupro, com questionamentos a respeito do estilo de roupas que as vítimas estavam usando no momento do crime.

Homens estão aos montes andado sem camisa exibindo seu peitoral sex appeal, mostrando cuecas quando não a bunda, mas não existe uma cultura feminista para estuprar esses homens nem pelas mulheres e nem por outros homens que também desejam esses corpos “sarados” (com centenas de aspas).

Essa cultura dita que ao homem tudo a mulher subserviência.

Intolerância Religiosa = Eu prefiro trabalhar com a palavra racismo religioso porquê de fato é prática de racismo contra uma cultura que tem sua origem em África, habitada por negros. As comunidades de religiões de matrizes africanas, não querem serem toleradas, querem serem

respeitadas e direitos garantidos como preconiza a Constituição Federal.

O Estado é laico, você não vê o povo do axé fazendo campanha insistente para aumentar seu número de adeptos e jamais viu alguém deste segmento invadir um templo religioso, porém, o inverso acontece impiedosamente em nome de Deus.

Deus Amor X Deus Violento, essa conta não bate.

No início estas igrejas com falsos profetas pregavam a cultura da “prosperidade”, do enriquecimento, quanto mais você doa a Deus (na conta bancária do representante de Deus na terra), mas próximo da riqueza estará.

A história nos mostra que hoje Deus está trilionário, tendo em vista que as contas bancárias de seus representantes estão rindo à toa, logo, a cultura da prosperidade prosperou, pelo menos para os falsos profetas, então é hora de traçar novas estratégias, lançar a “cultura da intolerância” visando manter-se na riqueza.

“Não só de pão o homem viverá, mas de sua riqueza” (Livre adaptação de Mateus 4,4).

Precisamos ter um olhar para quebrar os comportamentos que inconsciente ou consciente corrobora para a manutenção da intolerância ou violência.

Por exemplo se posicionar diante de uma piada machista, lgbtfóbica, gordofóbica, pcdfóbica, misógina etc. e tal...

Começar a questionar porque o garçom traz a conta somente para o homem, porque diante de um pcd sempre se dirige ao acompanhante, porque sempre há alguém querendo tutelar a fala do negro, porque uma mulher transexual tem que ser chamado pelo gênero masculino? e por aí vai.

Pergunte a si mesmo: Porque a vida sexual dos LGBTs me incomoda?

Nossos pais fazem sexo, nossos filhos e amigos fazem sexos, os animais fazem sexo. Temos que ter a consciência de que diz respeito a eles e com quem eles estão fazendo sexo.

Porque a prática de sexo do LGBT diz respeito a mim? Porque tenho que me meter na vida deles?

Leandro Karnal, sintetiza a homofobia com a seguinte frase: Abre aspas - “Todo ataque homofóbico é sempre o choque entre dois gays. Um que vive livremente a sua sexualidade e o outro que não”. Fecha aspas.

O diferente pode nos causar sensações variadas: medo ou atração; desejo ou repulsa. Todavia, quando o outro não é totalmente diferente do EU, ou seja, quando é diferente, mas, ao mesmo tempo, tem algo que me parece familiar, esse outro me abala. Alguns teóricos acreditam que os heterossexuais convictos não se sentem ameaçados pelos lgbtt por isso, não vê razões para a discriminação, por outro lado, como quase uma via de regra, a maioria das pessoas homofóbicas não estão tão seguras de seus “segretos desejos”, por isso atacar é um ato de negar a si mesmo e permanecer sofrendo no armário.

Porque eu aceito sem questionar Xuxa Meneghel, Chitãozinho e Xororó, Anitta entre outros tantos que escolheram um nome social para serem reconhecidos socialmente e não tenho a mesma compreensão para com as mulheres transexuais que também escolheram um nome social para viverem socialmente?

Nesse momento vivemos uma onda de intolerância acoplada com violência visando a aniquilação dos corpos pretos, essa intolerância se apresenta com ar de caridade contida num falso elogio, ou melhor, na falsa ideia de tolerância; a fala não condiz com a ação.

Consegue entender a violência das pessoas tidas socialmente como brancas, se

apresentam socialmente como brancas, mas num concurso onde há cotas raciais buscam a negritude lá na raiz da *árvore genealógica* para usurpar de um direito que não é seu?

Consegue entender a violência das pessoas tidas socialmente como heteros homofóbicas, mas na calada da noite pagam pelos corpos de travestis e transexuais para satisfazer a sua libido?

Consegue entender a violência das beatas caridosas com maravilhoso trabalho social, mas em casa tem tratamento hostil com seus empregados?

Consegue entender a violência implícita na reivindicação do Dia do orgulho hetero?

Consegue entender a contradição e a intolerância/violência da pessoa que prega o Amor de Deus, mas incita o ódio contra as pessoas das religiões de matrizes africanas?

Consegue entender a intolerância/violência construída no falso discurso que culpabiliza a vítima e que desqualifica a pessoa oprimida?

Nesse item quero chamar a atenção as quantidades de links e comentários equivocados em sites em apoio a ideia do racismo reverso, da mulher com roupas insinuantes estuprada, da redução da idade penal, de que somos apenas uma raça: a humana; ou que o problema é socioeconômico e não racial, ou um dos piores é o que versa sobre a meritocracia.

Que meritocracia é essa que nega a igualdade de oportunidades, que opera sem o elemento da equidade, que desconsidera uma reparação histórica?

Fazer uma análise destes casos, chegarás como produto final a evidência da realidade racista, classista, sexista para garantir a manutenção efetiva violenta da supremacia branca.

Não é pretensão generalizar e muito menos incitar discórdias entre brancos e outras cores do IBGE, mas sim evidenciar que não basta não cometer racismo, tem que ser antirracista abrindo mão de alguns privilégios conferidos a branquitude.

Nesse cenário aterrorizador é que o discurso da intolerância trava uma guerra ideológica, moral com o discurso da empatia; pensamentos totalitários enredado pela lógica da higienização social e extermínio do diferente tido como inferior.

Toda luta contra qualquer tipo de intolerância tem que cumprir o seu papel em apontar para o óbvio: que as diferenças entre grupos humanos, os povos, não devem se sobrepor à humanidade de todas e todos.

O reconhecimento das diferenças como ponto de partida a criar e fomentar ações de direitos civis e de políticas sociais e educacionais que almejam corrigir as desigualdades que a sociedade originou dentro de uma visão totalitária.

A ideologia neofascista opera por meio de ultrageneralização estereotipada e do ocultamento de parcelas da realidade que são negadas para que o discurso ideológico faça sentido.

Por esse viés é que corre de boca em boca que o negro é incapaz, violento, desordeiro, perigoso; que as pessoas LGBTT só vivem para a fornicção e as imoralidades, incapazes de uma educação para o convívio social, que as pessoas com deficiência são incapazes para o trabalho, que os ciganos são ladrões em potencial, que os indígenas não têm direitos as terras em que vivem porque são vagabundos e nada produzem.

É saudável diferenciar se do outro, conhecer os limites entre mim e o outro; manter a capacidade de dissociação para a análise de pertencimentos como traços físicos e psicológicos. Identificar no outro o que tem ou que falta em mim e vice-versa.

Não ter essa capacidade é sinônimo de “desvio de caráter”.

No entanto, utilizar-se desta diferenciação para inferiorizar, separar o outro; atribuir

valores negativos dentro das categorias que criamos, é desumano, é perverso, é fascista.

É fundamental perceber que o processo de identificação implica que estejamos abertos a nos relacionarmos com aquilo que é diferente de nós: a dialogar com as diferenças, pois é a partir deste diálogo que incorporamos novos conteúdos a nós mesmos, abandonamos antigos, nos transformamos.

“Diferenciar é essencial para a formação da identidade humana. O que faz toda diferença é quando associamos diferenças a valores e hierarquias que são pontos de partida para o exercício do poder e da dominação. É quando oferecemos tratamentos diferenciados a alguém em função das categorias que criamos e dos valores que atribuímos aqueles que inserimos nestas categorias”. (Maria Aparecida)

Entenda se nestas categorias a minorias sócias: Negros, LGBT, PCD, Ciganos, Indígenas, Profissionais de Sexo, Pessoas Vivendo com HIV/AIDS.

A piada mal-usada é uma ferramenta para a manutenção de toda essa “intolerância”.

Há pessoa que apenas vai rir de uma piada inteligente, tem aqueles que nem vão entender que é uma piada, mas terá uma parcela que vai se alimentar do texto para incitar a violência/intolerância/discriminação...

As piadas podem matar tanto quanto a bala porque cada ser vai interpretá-la de forma diferente.

Por traz de uma piada tem sempre a intenção de humilhar, inferiorizar, apontar o que tem menor valor.

A piada mata psicologicamente porque abala a autoestima, mata socialmente porque nega o direito de sociabilidade, mata fisicamente porque pode induzir ao suicídio.

“É necessário conhecer o alcance psicológico sobre as massas em relação às frases, piadas e outros atos e ações homofóbicos e racistas camuflados com um sentido místico e avaliá-los convenientemente para compreender o seu alcance político.

Nada é por acaso, nada é “UM MAL-ENTENDIDO”, em tudo há uma intencionalidade, seja simbólica, física ou abstrata, seja pessoal ou coletiva, seja consciente ou inconsciente, seja para o bem ou para o mal.

Partindo do pressuposto de que somos pessoas dotadas de inteligência e temos o poder de escolha, vamos escolher fazer o bem a todas e todos sem distinção.

Para tanto quero deixar duas tarefas:

1º - pesquisar sobre o movimento de eugenia no Brasil.

2º – Pesquisar sobre a Comunicação Não Violenta.

Um curto spoiler: Se pergunto: Você está me entendendo? Implicitamente já estou chamando o outro de burro.

Se digo: Eu estou me fazendo entender? Estou trazendo para mim a responsabilidade de ensinar de uma forma que o outro entenda.

Não tenho aqui a pretensão de despejar verdades absolutas, mas criar um campo de diálogo e reflexão.

Obrigado!

Beijos Afrogay!

César Gomes



Revista África e Africanidades - Ano XVI – nº 49 | jul. 2024 | ISSN 1983-2354.
www.africaeaficanidades.com.br